Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras,
São Francisco do Conde (BA) | v.3, nº Especial I | p.273-285 | mai. 2023.

Análise de Gêneros literários e sua categorização na perspectiva de Wellek e Warren

Elizabeth Mariana Alfredo Capathia Nahia [*]
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-2910-6963
José Luis Dias [**]
ORCID iD https://orcid.org/0000-0002-6562-5904

RESUMO: O presente trabalho propõe uma análise dos gêneros literários, assunto controverso na área da teoria da literatura desde os dias de Platão até aos nossos dias. Os gêneros literários constituem o ponto de partida teórico para o desenvolvimento desta presente pesquisa. Assim como houve a necessidade de agrupar as palavras em classes gramaticais, assim, houve também a necessidade de ordenação em categorias dos vários "modos" de narrativa, formas de classificação ou rotinas próprias da escrita. Pretende-se assim, observar os gêneros literários, procurando assim definir as características que marcam o discurso de cada um dos gêneros ao nível da literatura. A pesquisa é meramente bibliográfica, baseada na interpretação de informações publicadas em forma de livros, revistas, textos legais, publicações avulsas. À luz das investigações feitas, conclui-se que a teoria dos gêneros literários deve ser vista como meio auxiliar que, entre outros, nos leva ao conhecimento do literário, mas nunca deve ser usada para valorização e julgamento da obra.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria; Literatura; Gêneros

Analysis of Literary Genres and their categorization from the perspective of Wellek and Warren

ABSTRACT: The present work proposes an analysis of literary genres, a controversial subject in the area of literary theory from the days of Plato to the present day. Literary genres constitute the theoretical starting point for the development of this present research. Just as there was a need to group words into grammatical classes, there was also a need to sort the various "modes" of narrative into categories, forms of classification or writing routines. The aim is thus to observe the literary genres, thus seeking to define the characteristics that mark the discourse of each of the genres at the level of literature. The research is purely bibliographical, based on the interpretation of information published in the form of books, magazines, legal texts, separate publications. In the light of the investigations carried out, it is concluded that the theory of literary genres should be seen as an auxiliary means that, among others, leads us to knowledge of the literary, but should never be used to value and judge the work.

KEYWORDS: Theory; Literature; Genres

[*] Doutoranda em Língua, Cultura e Sociedade pela Universidade Zambeze, Moçambique; Docente na Universidade Púnguè, Faculdade de Letras, Ciências Sociais e Humanidades, Curso de Português. E-mail: enahia78@gmail.com

[**] Doutor em Inovação Educativa na Universidade Católica de Moçambique, Faculdade de Educação e Comunicação, Nampula; Docente do Instituto Superior Politécnico de Manica (ISPM), Divisão de Economia, Gestão e Turismo, Distrito de Vanduzi, Posto Administrativo de Chiremera, Moçambique. E-mail: dias.jose34@gmail.com

Ongororo yeManyorero Marudzi uye kupatsanura kwavo kubva pamaonero eWellek neWarren

CHIGWAGWA: Iri basa razvino rinopa kuongororwa kwemhando dzezvinyorwa, nyaya inopokana munzvimbo yezvinyorwa zvezvinyorwa kubva pamazuva aPlato kusvika nhasi. Marudzi ezvinyorwa anoumba dingindira rekutanga pakuvandudzwa kwetsvakiridzo yazvino. Sezvo kwakanga kune dikanwo yokuisa mashoko mumapoka egirama, pakanga panewo dikanwo yokuronga “miitiro” yakasiyana-siyana yerondedzero muzvikamu, zvimiro zvokuronga kana kuti miitiro yokunyora. Nokudaro chinangwa ndechekucherechedza mhando dzezvinyorwa, nekudaro kutsvaga kutsanangura maitiro anotaridza hurukuro yemhando imwe neimwe padanho rezvinyorwa. Tsvagiridzo iyi ndeyezvinyorwa zvebhaibheri, zvichibva mukududzirwa kweruzivo rwakaburitswa mumhando yemabhuku, magazini, zvinyorwa zvemutemo, zvinyorwa zvakasiyana. Muchiedza chekuongorora kwakaitwa, zvinogumiswa kuti dzidziso yezvinyorwa zvezvinyorwa inofanira kuonekwa senzira yekubatsira iyo, pakati pevamwe, inotitungamirira kune ruzivo rwezvinyorwa, asi haifaniri kumboshandiswa kukoshesa uye kutonga basa.

MASOKO EKUTSIGIRA: Dzidziso, kusvikira,Gender.

Introdução

A presente pesquisa visa apresentar uma concepção detalhada em torno dos gêneros literários. Assunto controverso na área da teoria da literatura desde os dias de Platão até aos nossos dias (WELLEK; WARREN, s.d. p. 289), e de indispensável compreensão, tanto para os literatos quanto para os receptores das produções literárias. Indagar sobre os limites e as controvérsias que envolvem diferentes modalidades de textos literários é de fundamental importância para a reflexão e possíveis delimitações de cada produção literária.

Àqueles que se dedicam à literatura ou às artes atribuem os seus conceitos e funções sempre baseados em condições históricas e sociais de cada tempo e lugar, portanto, meditar em torno dos gêneros literários, como também sobre a maioria das questões em volta da literatura, seria o mesmo que trazer à mente um fato ou uma constatação histórica, sobre quem o domínio recai sobre a Teoria da Literatura. Nas capas dos livros (de literatura) surgem etiquetas como «romance», «contos», «poesia», como uma tentativa de categorizar as produções textuais literárias. Isto porque desde o Século V a.C., com Platão, até aos dias de hoje se assiste a uma necessidade de categorização das formas literárias.

Pelos anos 50 e 60 do século XX, foi declarada a morte dos gêneros, mas, nas décadas finais desse século, assiste-se à sua valorização no âmbito da reflexão da Teoria Literária. Manuel (1999) propõe a distinção entre modos e gêneros. Em 1980, Todorov (1988, p. 39) reconhecia o destaque que os gêneros literários deviam merecer.

Tendo visto esta necessidade e pertinência de pesquisas em volta dos gêneros literários, este trabalho objetiva discutir os elementos que compuseram e sustentam a teoria dos gêneros literários, e especificamente pretendemos compreender a formação e a divisão em três gêneros clássicos da literatura; identificar os principais conceitos que cercam a noção de gênero literário e finalmente refletir sobre a evolução histórica dessa teoria.

Como procedimento metodológico, recorreu-se à análise bibliográfica, baseado na análise e interpretação da literatura já publicada em forma de livros, revistas, textos legais, publicações avulsas de autores que abordam aspetos ligados a gêneros literários. Por um lado, a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 2000). Por outro lado, é um procedimento reflexivo, sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados ou leis, em qualquer campo de conhecimento (LAKATOS; MARCONI, 1978).

Em questões organizacionais, o trabalho encontra-se dividido em duas grandes partes que incorporam alguns subtópicos. Em primeiro lugar, abordamos a respeito de Gêneros literários composto por três subsecções**,** Por fim, desenvolvemos a seção referente a Divisão clássica tripartida, comportando de igual modo três subtópicos.

1.Gêneros literários

Na criação narrativa existem diferentes modalidades textuais, que nas palavras de Todorov tais modalidades são “classes de texto”, isto é, gêneros literários ou “codificações de propriedades discursivas” (TODOROV, 1978, p. 49-51) que se determinam e diferenciam por fatores variáveis como a temática, a finalidade, a estrutura ou a forma. O conceito de gênero é, pois, teoricamente baseado “tanto na forma exterior (metro e estrutura específicos) como também na forma interior atitude, tom, finalidade – mais grosseiramente, sujeito e público” (WELLEK; WARREN, s.d: p. 289).

De acordo com Todorov “os gêneros (literários) têm origem pura e simplesmente no discurso humano” (TODOROV, 1978: 62). Um novo gênero é sempre a transformação de um ou vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação” (TODOROV, 1978, p. 48). O mesmo autor salienta ainda que os gêneros existem como “instituição, funcionam como “horizonte de espera” para os leitores e como “modelos de escrita” para os autores. Através da institucionalização, os gêneros comunicam com a sociedade em que aparecem” (TODOROV, 1978, p. 52). Portanto, enquanto codificação

de discurso, relacionam-se com um “tempo”, com uma convenção histórica, com um período político, social, cultural.

Os gêneros “vivem”, desenvolvem-se, modificam-se, desagregam-se, dão lugar a novos gêneros (SILVA, 2007, p.373). Relacionada com esta corrente está a caracterização proposta por Jakobson “o gênero épico, centrado sobre a terceira pessoa, põe em destaque a função referencial; o gênero lírico, orientado para a primeira pessoa, está vinculado estreitamente à função emotiva; o gênero dramático, “poesia da segunda pessoa”, apresenta como subdominante a função conotativa”.

1.1.Contexto histórico

A tendência para reunir, em uma classificação, as obras literárias onde a realidade aparece de um determinado modo, através de mecanismos de estruturação semelhantes, surge com as manifestações poéticas mais remotas. Assim, pode-se contar a história da teoria dos gêneros literários no Ocidente, a partir da Antiguidade greco-romana.

Soares salienta que a denominação de gêneros literários, para os diferentes agrupamentos das obras literárias, fica mais clara se lembrarmos que gênero (do latim *genus-eris*) significa tempo de nascimento, origem, classe, espécie, geração. E o que se vem fazendo, através dos tempos, é filiar cada obra literária a uma classe ou espécie; ou ainda é mostrar como certo tempo de nascimento e certa origem geram uma nova modalidade literária (SOARES, 2007, p.6).

A princípio, os gêneros literários são compreendidos apenas como duas vertentes – técnico e formal -, a teoria dos gêneros emerge como uma distinção entre poesia e prosa (Platão, 1964, p.72). No livro III de *A República* (394 a.C.), o filósofo assinala uma distinção que constitui a base primária da questão, evidenciando uma diferença que se manifesta apenas pela forma. Esta distinção será rebatida por Aristóteles que deixa claro, não ser a forma em verso de uso exclusivo do poeta. Em Aristóteles, no mais antigo estudo sobre os gêneros literários, encontra-se também a indicação ao livro III d’ *A República*, quando este registra a primeira referência, no pensamento ocidental, aos gêneros literários, propondo as seguintes diferenciações:

Quadro 1. Diferenciações dos gêneros literários

1. A tragédia e a comédia	Ficções poéticas que se desenvolvem inteiramente por imitação
2. O ditirambo	Estilo em que o poeta é o único a falar
3. A poesia épica	Combinação de ambos os processos os anteriores

Fonte: Platão (1964, p.72)

Essa classificação tornar-se-á conhecida pelos teóricos e estudiosos da literatura pela designação de dramático, lírico e épico, respectivamente. No gênero dramático, a figura do poeta quase desaparece e o texto se desenvolve por meio de diálogos que são apresentados em encenação teatral, tendo como referência a imitação das falas e/ou ações humanas. Essas serão consideradas ações boas (melhores do que as ações produzidas pelos homens); ações más (piores do que as produzidas pelos homens) e ações semelhantes às humanas. No gênero épico, a fala do poeta, que se expressa em seu próprio nome, alterna-se com os diálogos entre as personagens, constituindo-se em uma conjugação de duas outras técnicas (dramática e lírica). Em relação ao gênero lírico, esse se centra na fala do poeta que veicula suas próprias ideias e emoções.

1.2.Platão x Aristóteles

Platão (cerca de 428 a.C. - cerca de 347 a.C.), no livro III da *República* (394 a.C.), nos deixou a primeira referência, no pensamento ocidental, aos gêneros literários: a comédia e a tragédia se constroem inteiramente por imitação, os ditirambos apenas pela exposição do poeta e a epopeia pela combinação dos dois processos (PLATÃO, 1962, p.72). Convém lembrar que, em Aristóteles, as diferenciações formais do texto encontram-se intimamente ligadas ao conteúdo que os mesmos veiculam. Tal como Horácio (65 a.C.) um dos seguidores de Aristóteles, associa a educação e o prazer à função moral e didática do texto literário.

O crítico romano ressalta que o verdadeiro poeta é aquele que sabe adequar ao seu tema o ritmo, o tom e o metro certos, não podendo associar, por exemplo, ao tema da tragédia o metro próprio da comédia ou vice-versa. O hibridismo de formas é, nesta época, altamente condenável, “o que deixará de ocorrer por volta do século XVIII-XIX, estendendo-se até nossos dias, passando a ser objeto de atenção, inquietação e estudos por parte de pesquisadores da área" (BASTAZIN, 2006, pp. 4 - 5). Ainda em relação aos conceitos formulados na antiguidade, três princípios acabam por fixar-se:

1.Cada gênero tem suas próprias regras de composição – Normatividade.

2.Há gêneros considerados superiores, outros inferiores e outros ainda, equivalentes às ações humanas – Hierarquia.

3. Não se admite, em princípio, combinar elementos de gêneros diferentes em um mesmo texto – Pureza.

Desta feita, os traços dos gêneros estão em constante transformação; portanto, no ato de leitura, nos devemos conduzir abertamente pelas mudanças e não por características fixas.

1.3. Da Idade Média ao Renascimento

Considerando-se os desdobramentos advindos da antiguidade greco-latina sobre os gêneros literários, atestamos as palavras de BASTAZIN, (2006) onde observamos que, a Idade Média não apresenta alterações substanciais sobre a questão. As modificações restringem-se, por vezes, à temática e, por outras, à estrutura formal do verso, cuja técnica das rimas era desconhecida na poesia antiga, ou ainda ao desenvolvimento da métrica, que se apoia nas sílabas e no acento de intensidade.

Firma-se, neste período, a modalidade lírica, base da poesia trovadoresca difundida na Europa, em torno do século XIII. Lembramos ainda que, é na Idade Média que, Dante Alighieri distingue os gêneros, considerando-os nobres, médios e humildes. O primeiro tipo, “tal como em Aristóteles, associa-se à tragédia e a epopeia; o segundo, à comédia (que se diferencia da tragédia pelo final feliz); e o terceiro, à elegia – canto em forma de poema lírico cujo tom é quase sempre terno e triste" (BASTAZIN, 2006, p. 5).

Segundo a autora acima citada sustenta que "com o Renascimento, a teoria dos gêneros retoma a Antiguidade e se firma como norma a ser seguida rigidamente. A *mimesis* volta a ser entendida estritamente como imitação da natureza, afastando-se da conotação criativa advinda do processo de transformação interpretado por Aristóteles" (BASTAZIN, 2006, p. 5).

2.Divisão clássica tripartida

Wellek e Warren (2003) deixam claro que qualquer um interessado na teoria dos gêneros deve ter cuidado para não confundir as diferenças distintivas entre a teoria “clássica” e a moderna. A teoria clássica é regulamentadora e prescritiva, embora as suas “regras” não sejam o autoritarismo tolo ainda atribuído frequentemente a elas. A teoria clássica não apenas crê que um gênero difere de outro, na natureza e na glória, mas

também que devem ser mantidos separados, que não devemos permitir que se misturem. Essa é a famosa doutrina da "pureza do gênero", do *"genre tranché".* (WELLEK; WARREN, 2003, p. 318).

A teoria clássica também teve a sua diferenciação social de gêneros. A epopeia e a tragédia lidam com os assuntos de reis e nobres, a comédia com os da classe média (a cidade, a burguesia), e a sátira e a farsa com as pessoas comuns. E essa distinção nítida nas *dramatis personae* próprias de cada tipo tem suas concomitâncias na teoria do "decoro" (os "costumes" sociais) e separação de estilos e dicções em elevados, médios e baixos. E teve também a sua hierarquia de tipos, na qual não meramente a posição hierárquica dos personagens e o estilo eram considerados elementos, mas também a extensão ou tamanho (a capacidade de esforço continuado) e a seriedade do tom.

A moderna teoria dos gêneros é claramente descritiva, não limita o número de tipos possíveis e não prescreve regras aos autores. Supõe que os tipos tradicionais podem ser "misturados" e produzir um novo tipo (como a tragicomédia). Percebe que os gêneros podem ser construídos com base na abrangência ou "riqueza" assim como na "pureza" (gênero por acréscimo assim como por redução). Em vez de enfatizar a distinção entre tipo e tipo, está interessada - segundo a ênfase romântica na singularidade de cada "gênio original" e de cada obra de arte - em encontrar o denominador comum de um tipo, os seus recursos literários compartilhados e o objetivo literário. (WELLEK; WARREN, 2003, p. 319-320).

Kempiska e Souza (2012) fazem uma excelente exposição com relação à classificação dos gêneros literários trazendo uma explicação dos gêneros literários baseados na história, admitem eles que o elemento *história* é um dos aspectos básicos da literatura e sendo assim, pode-se fazer do elemento *história* um critério para a classificação da literatura em gêneros. Quando o texto literário não dispõe de história, temos o gênero *lírico*; quando dispõe, o gênero poderá ser o *narrativo* ou o *dramático*. "Se a história é apresentada ao leitor através da mediação de um narrador, temos o gênero *narrativo*; se é apresentada sem esta mediação, ou seja, diretamente nos diálogos desenvolvidos pelos personagens, temos o gênero *dramático*" (KEMPISKA; SOUZA, 2012, p. 49).

A tradição clássica nos apresenta a divisão da literatura em três gêneros básicos: o **lírico**, o **épico** e o **dramático**. As características presentes em cada um deles não significam, necessariamente, que não estejam presentes em outro gênero. Assim, é comum que elementos da lírica (cuja característica principal é a subjetividade referente

aos sentimentos humanos, em especial os de amor e afeição) também possam ser percebidos no gênero épico (que visa relatar o heroísmo coletivo e os grandes feitos daqueles homens – reais ou imaginados – que representam a unidade com a coletividade).

"A lira, instrumento musical que acompanhava o texto que era falado/declamado, deu origem à nomenclatura “lírica”, de onde podemos compreender o nascimento do poema atrelado à musicalidade" (KEMPISKA; SOUZA, 2012, p. 51). O gênero dramático possui um elemento em especial que o distingue: é ao mesmo tempo literário e cênico, tendo em vista sua representação nos palcos. A dupla face do drama – o rosto triste e alegre da máscara que simboliza o teatro – representa a **tragédia** e a **comédia**. Samira Yousseff Campedelli apud Ourique, 2010, apresenta – de maneira didática e simples – os conceitos acerca dos gêneros literários que são destacados nas subsecções que seguem.

2.1 O Gênero Lírico

De acordo com Ourique, a palavra “Lírico” vem de “lira”, um instrumento musical semelhante a uma pequena harpa, tocado para acompanhar a declamação de poemas. O gênero lírico é uma manifestação do **eu**, de sentimentos pessoais" (OURIQUE, 2010, p. 39). O mesmo autor, fala de emoções, de estados da alma. De acordo cm o autor, “o conteúdo da poesia lírica não é o mundo objetivo, real, palpável, mas os sentimentos que ele provoca no leitor. O mundo subjetivo é a matéria da lírica. Mesmo que haja descrições e narrações de algum fato, se o que sobressair, numa análise final, forem as emoções e não as paisagens ou os fatos, temos um texto lírico" (OURIQUE, 2010, p. 39). Os *gêneros literários*, por sua vez, comportam subdivisões, geralmente chamadas *espécies literárias*. De acordo com (OURIQUE, 2010), as *espécies líricas* podem ser agrupadas em dois conjuntos:

1° - Poemas de forma fixa, isto é, dotados de um esquema estrófico, rítmico e/ou métrico especial. Entre as espécies líricas de forma fixa, cabe destacar, pela frequência da sua presença nas diversas épocas da literatura, o *soneto*, cujo esquema (na variante mais comum em língua portuguesa) é o seguinte: quatorze versos, distribuídos em dois quartetos e dois tercetos. Além do soneto, contam-se entre as espécies líricas de forma fixa: quadrinha, balada, vilancete, rondel, rondó, triolé, pantum, terceto, décima, oitava, sextina, canto real, vilanela.

2º - Poemas definíveis por seu tema ou tom, entre os quais podem ser citados:

a. *Elegia*: poema em tom terno e triste;

b. *Ode*: poema em tom grave e solene, destinado à exaltação de alguém, de um acontecimento ou de uma situação;

c. *Idílio*: poema amoroso de carácter campestre ou pastoril;

d. *Écloga* ou *égloga*: poema pastoril composto sob a forma de diálogos.

Entre as espécies líricas, cabe também referência ao chamado *poema em prosa*, modalidade praticada entre os poetas ligados ao Simbolismo, estilo de época de fins do século XIX.

2.2.O Gênero Épico

A narrativa **épica "**é feita em versos, num longo poema – a epopeia – que ressalta as excelentes qualidades de um herói, protagonista de fatos históricos ou maravilhosos. **Epopeia** – **narrativa primordial"** (OURIQUE, 2010, p. 39) :

> As epopeias que surgiram na civilização ocidental, na sua maioria, derivam de três obras básicas: *Ilíada* e *Odisseia*, do maior épico de todos os tempos, o grego Homero, e *Eneida*, do romano Virgílio. É notável, nos textos épicos, a participação do sobrenatural na vida dos humanos. É frequente a mistura de assuntos relativos ao nacionalismo com o carácter maravilhoso. Nas epopeias, os deuses tomam partido e interferem nas aventuras dos heróis, ajudando-os ou atrapalhando-os (OURIQUE, 2010, p. 39).

Como vimos, o universo da produção literária é divisível em gêneros. As *espécies narrativas* podem apresentar-se em verso ou em prosa. A mais destacada espécie narrativa em verso chama-se *epopeia*, longo poema narrativo de assunto heroico e nacional, em tom solene e elevado. Como a epopeia é historicamente a primeira modalidade narrativa que surgiu (a data de seu aparecimento pode-se recuar até o século X a.C. aproximadamente, época provável das epopeias gregas: *Ilíada* e *Odisseia*), o gênero narrativo é também chamado *gênero épico*.

As espécies narrativas em prosa são as seguintes:

a. *conto*: narrativa em prosa de extensão mais breve;

b. *novela*: narrativa em prosa, composta de capítulos quase autônomos entre si, constituindo cada capítulo praticamente uma história completa. Inicialmente de extensão bem longa, as novelas tendem a condensar-se a partir do século XIX, desde então sendo caracterizáveis como narrativas em prosa mais longas do que os contos e mais breves do que os romances;

c. *romance*: narrativa em prosa, constituída de capítulos mais firmemente interdependentes, se o termo de comparação for a novela, cujos capítulos, como

assinalamos, são praticamente autônomos entre si. Quanto à extensão, o romance é mais longo do que o conto e usualmente também mais longo do que a novela (considerando-se a dimensão adotada por esta última espécie do século XIX em diante).

2.3.O Gênero Dramático

É a obra literária em poesia ou em prosa feita para representação. A base do texto dramático seja em cinema, teatro ou televisão, “é o diálogo, que estabelece uma comunicação muito viva. Os textos escritos para representação sempre apresentam instruções à parte para o diretor da cena e para o actor" (OURIQUE, 2010, p. 39). As principais *espécies dramáticas* são as seguintes:

a. **Tragédia:** originariamente, texto dramático em versos, depois também em prosa, de ação caracterizada pela intensidade e violência das paixões ou conflitos humanos representados; No capítulo VI de sua *Poética,* Aristóteles conceitua a tragédia como a *mímesis* de uma ação de caráter elevado (importante e completa), num estilo agradável, executada por atores que representam os homens de mais forte psique tendo por finalidade suscitar terror e piedade e obter a catarse (libertação) dessas emoções. Aristóteles distinguiu seis partes na tragédia: *a fábula,* os *caracteres,* a *evolução,* o *pensamento, o espetáculo* e o *canto.* Destaca a importância da fábula (ou *mito)* que, como *mímesis* da ação (combinação de atos), se estrutura pela subordinação entre as partes, pelo seu inter-relacionamento, criando-se a *unidade de ação.* E acrescenta que, antes de chegar ao *desfecho,* o autor de tragédias deve construir o *nó* (que vai do início da tragédia até o ponto onde se produz a mudança de sorte do herói), o *reconhecimento* (faz passar da ignorância ao conhecimento), *a peripécia* (mudança de ação, que não ocorre em conformidade com o verossímil ou o necessário) e o *clímax* (ápice do conflito, que se precipita no acontecimento catastrófico).

b. **Comédia**: texto dramático, inicialmente em versos, mais tarde também em prosa, de ação divertida e feição humorística; Na comédia, a tensão própria do gênero dramático é extravasada com o riso. O problema apresentado, cuja resposta deve ser conseguida através da linguagem do *pathos,* resolve-se em etapas sucessivas e se dispersa em tiradas ridículas. Há, assim, uma acomodação no cómico, que impede o desmoronamento do mundo da personagem (SOARES, 2007: p.62).

c. **Auto**: na origem, texto dramático em versos, posteriormente também em prosa, de curta extensão, cujos personagens muitas vezes constituem alegorias (representam pecados, virtudes, entidades religiosas – anjos, santos, demônios etc.). *Auto* é uma modalidade do gênero dramático ligada aos mistérios e às moralidades e, na Idade Média, designou toda peça curta de tema religioso ou profano. Ele equivaleria a um ato que viesse a integrar um espetáculo maior e completo, daí o nome *auto.* Os *mistérios* são peças teatrais, cujos temas são retirados das sagradas escrituras para transmitir ao povo, de forma acessível e concreta, a história da religião, os dogmas e os artigos da fé. Nas *moralidades,* os temas histórico-concretos dos mistérios são substituídos por argumentos abstrato-típicos, que mostram o conflito do homem, em face do Bem e do Mal (SOARES, 2007, p.57).

d. **Drama**: texto dramático em prosa, em que podem associar-se passagens trágicas e passagens cômicas.De acordo com Soares "a palavra drama se emprega: 1ª) para designar o gênero dramático em geral; 2ª) como sinônimo de peça teatral; 3ª) como uma forma dramática específica, que resulta do hibridismo da tragédia com a comédia." (SOARES, 2007, p.62).

Verificamos que são muito relativas as fronteiras entre prosa e poesia. Do mesmo modo, os limites entre lírico, narrativo e dramático não são rígidos, ocorrendo, em todas as obras literárias, uma combinação dos três gêneros nas mais diversas proporções, embora, de modo geral, apenas um gênero se apresente como dominante em cada obra.

Conclusão

A presente pesquisa permitiu-nos ver que um assunto tão presente nos estudos literários de todas as épocas não pode ser negado, ou simplesmente ignorado. Portanto, os traços dos gêneros estão em constante transformação; portanto, no ato de leitura, nos devemos conduzir abertamente pelas mudanças e não por características fixas.

Como facilmente se depreende, o conceito de gênero não pode ser definido a partir de um único princípio; a classificação em gêneros resulta de um conjunto de processos dominantes; o problema da classificação em gêneros só pode ser “resolvido” em contextos históricos determinados. Não há, por assim dizer, uma classificação fixa ou imutável.

Como salienta Vítor Aguiar e Silva, os gêneros literários “desempenham um importante papel na organização e na transformação do sistema literário. Em cada

período histórico se estabelece um cânone literário, isto é, um conjunto de obras que são consideradas como relevantes ou modelares, em estreita conexão com uma determinada hierarquia atribuída aos diversos gêneros" (SILVA, 2007, p. 393).

Faz-se necessário atentar para as expectativas criadas pela própria obra. Não podemos esquecer, porém, que o posicionamento do escritor em seus textos, mesmo quando oposto ao que ele pensa esperar o leitor com relação ao gênero, decorre justamente de traços que vêm caracterizando historicamente os gêneros, em uma determinada cultura. Mais importante que identificar um traço isolado na obra, nos parece ser relevante observarmos como cada traço se relaciona com outros da mesma obra, para que então ele seja reconhecido como lírico, narrativo ou dramático.

Chegamos à conclusão que a teoria dos gêneros deve ser vista como meio auxiliar que, entre outros, nos leva ao conhecimento do literário, mas nunca deve ser usada para valorização e julgamento da obra. Por outro lado, o fato de um texto apresentar características dos gêneros, por si só, não nos leva a localizá-lo na literatura. Neste sentido, as três "categorias" ou classes de texto (modos) e respectivas subcategorias (gêneros) são: (a) Narrativa, onde se incluem o romance, a epopeia, a fábula, a novela, o conto e a crônica; (b) Lírica, onde se incluem a ode, o hino, o soneto, a elegia, a canção; (c) Dramática, onde se incluem a sátira, a farsa, a comédia, a tragédia, o auto.

Referências

BASTAZIN, Vera. José Saramago: hibridismo e transformação dos gêneros literários. **Revista electrónica de crítica e teoria de literaturas**. Dossiê: Saramago PPG-LET UFRGS, Porto Alegre, Vol. 2, nº2, p. 1 - 14, jul./dez. 2006.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff. **Literatura: História e Texto**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

GUSMÃO, Manuel. «**Da Literatura Como Transporte e Travessia dos Tempos**. Algumas Notas Sobre a Historicidade de Literatura», ensino da Literatura, Reflexões e Propostas a Contracorrente. Lisboa: Cosmos, pp. 47-67, 1999.

Gil, António Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2000.

JAKOBSON, Roman. O dominante. In: LIMA, Luiz Costa. (Org.). **Teoria da literatura em suas fontes.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

KEMPISKA, Olga Guerizoli; SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. **Teoria da Literatura** I. Vol 2. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2012.

LIMA, Luiz Costa. A questão dos gêneros. In. LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 3 – 35.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1978.

OURIQUE, João Luís Pereira. **Introdução aos estudos Literários**. Santa Maria: Centro de Artes e Letras, 2010.

PLATÃO. **A República.** São Paulo: Martin Claret, 2002.

REIS, Carlos, **O Conhecimento da Literatura – Introdução aos Estudos Literários**, 21ª Edição, Coimbra, Almedina, 2001.

SILVA, Víctor Manuel de Aguiar. **Teoria da Literatura**. 81.ed. Coimbra, Almedina, 2007.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 7.ed. São Paulo, Ática, 2007.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. Lisboa: Edições 70, 1978.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da Literatura**. 51.ed. s.l., Europa América. s.d.

Recebido em: 20/01/2023

Aceito em: 01/05/2023

Para citar este texto (ABNT): NAHIA, Elizabeth Mariana Alfredo Capathia; DIAS, José Luís. Análise de Gêneros literários e sua categorização na perspectiva de Wellek e Warren**.** *Njinga & Sepé:* Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº Especial I, p.273-285, mai. 2023.

Para citar este texto (APA): Nahia, Elizabeth Mariana Alfredo Capathia; Dias, José Luís**.** (mai.2023). Análise de Gêneros literários e sua categorização na perspectiva de Wellek e Warren. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras.* São Francisco do Conde (BA), 3 (Especial I): 273-285.